



As louças herdadas da avó Maria levam muitas histórias e memórias

O sofá herdado carrega um valor sentimental imenso

ela orava por mim e pela minha família. Eu me sentia segura e confiante”, lembra. O objeto, portanto, não representa apenas uma crença religiosa, mas uma presença constante de cuidado e proteção.

Durante o período em que acompanhou a sogra no hospital, esse vínculo se fortaleceu ainda mais. “As memórias que tenho são que, por meio desse livro, comecei a conhecer um pouco da *Bíblia*. Ela falava muitos versículos que me deixavam confortável e confiante”, recorda. Apesar das dificuldades iniciais para compreender os textos, a herança passou a ocupar um espaço central em sua rotina. “O desafio foi ler e entender algumas coisas, porque achava muito difícil.”

Foi nesse contexto que Maria do Socorro também teve seu primeiro contato com os hinos religiosos. “Nessa *Bíblia* tinha uma parte que continha hinos, a *Harpa Cristã*, na qual eu aprendi a cantar o primeiro hino da minha vida.” A experiência aconteceu ainda no hospital, por meio do

contato com as irmãs da igreja que visitavam a sogra para orar e cantar. “Através das irmãs da igreja dela, que iam ao hospital orar e louvar, eu aprendi a cantar.”

Mesmo em meio à dor e às limitações impostas pela doença, dona Maria Rita mantinha viva sua relação com a fé. “Às vezes, ela começava a cantar um hino, mas não dava conta de prosseguir”, conta. Em outro momento marcante, Maria do Socorro fez uma descoberta que a impressionou profundamente. “No hospital, cuidando dela, descobri que ela não sabia ler. Fiquei admirada, porque ela falava muitos versículos.”

A convivência no hospital se estendeu por noites difíceis, marcadas por dor, cansaço e vigília. Maria do Socorro relembra que lia salmos para a sogra, como o 91, o 23 e o 121, tentando oferecer conforto nos momentos mais delicados. A morte da sogra aconteceu durante uma dessas madrugadas, em silêncio, enquanto os aparelhos continuavam ligados.

Depois do falecimento, a *Bíblia* permaneceu com ela, quase que de forma natural. “Fiquei com a *Bíblia* porque, quando ela faleceu, estava de posse dela, porque lia o tempo inteiro. Saí do hospital com a *Bíblia* debaixo do braço”, relembra. Ao encontrar as cunhadas, ouviu comentários sobre outros objetos que seriam guardados como lembrança. Foi então que pediu para ficar com a *Bíblia* e elas aceitaram imediatamente.

Hoje, a herança segue presente em sua vida cotidiana e espiritual. “Nunca pensei em me desfazer dessa herança. Ela faz parte do meu dia a dia”, comenta. Com o tempo, Maria do Socorro passou a ler a *Bíblia* com mais frequência, marcou versículos importantes e trilhou um novo caminho de fé. “Depois, vim aceitar Jesus, hoje sou evangélica, e foi por meio dela, a primeira pessoa que me apresentou Jesus, apesar de nunca ter falado diretamente”, ressalta. A *Bíblia* herdada, assim, tornou-se um símbolo de cuidado, transformação e continuidade.

Uma vida inteira

A ginecologista Fernanda Torino, 56, fala de uma herança que atravessa gerações e permanece viva não apenas nos objetos, mas nas memórias e nos afetos que eles carregam. “A herança que recebi veio de minha avó materna. Foram muitos objetos, entre eles, um sofá e duas poltronas em curva em capitonê, que era muito valorizado na época. Vieram também um aparelho de chá completo, todo decorado, e uma pulseira em ouro, que ela pendurou como berloque meu primeiro dentinho que caiu.”

O tempo passou e os bens não são apenas móveis, mas testemunhas de uma vida inteira. Por isso, ela afirma com clareza e emoção. “Meu sentimento em receber este legado é de amor e gratidão. Eles representam todo amor, carinho e cuidado que minha avó teve comigo. Além disso, carrega inúmeras memórias de família”, reforça.

Para além disso, Torino conta com rituais e tradições vividos entre os parentes. “Tenho uma



Socorro herdou a *Bíblia* de sua sogra

família com muitas mulheres e era tradição nos finais de semana festivos nos reunirmos para um chá da tarde (com a louça que herdei) e depois sentávamos no sofá e conversávamos toda a tarde”, acrescenta. Nesses momentos, o tempo parecia desacelerar e o instante era aproveitado com muito amor. “Essas tardes eram maravilhosas porque estávamos todas juntas, várias mulheres das mais variadas idades: idosa, adultas, jovens, adolescentes e crianças em uma conversa, sem televisão e sem celular.”

Houve um momento em que precisou decidir se permaneceria com aquele legado. “Quanto a questão de me desfazer dele, teve um momento em que uma amiga arquiteta queria comprá-lo, pois ele tem um valor financeiro bem significativo”, completa. Entretanto, o sentimento presente no coração respondeu esse questionamento. “Não consegui vender pois o valor afetivo, as memórias que ele guarda são muito maiores que qualquer valor financeiro.”

Por uma questão de espaço, ela manteve o sofá no consultório, mas o futuro já está desenhado com carinho. “Em breve, eu o trarei para minha nova casa, onde terá um lugar de destaque”, diz. A herança também inspira o presente e o futuro de sua profissão e de sua missão como mulher. “Como sou médica ginecologista e atendo muitas mulheres no climatério, pretendo iniciar as gravações de um podcast chamado *A voz das Marias* (minha avó chamava Maria)”.

Nesse espaço, ela deseja receber pacientes que enfrentam esses desafios do climatério e de ser mulher. “Uma conversa com e sobre as mulheres comuns. As Marias e os desafios que enfrentam. Uma forma de dar voz a todas que ficaram caladas durante várias gerações. Uma homenagem a minha avó e a todas as conversas que tivemos naquele sofá”, finaliza.